

# A homossexualidade nas páginas do Lampião da Esquina

## *Ghetto to media: homosexuality on the pages of Lampião da Esquina*

*Carlos Jordan Lapa Alves*

Aluno do Centro Universitário São Camilo - ES; Orientado pela Profa. Esp. Aline de Freitas Dias.

E-mail: [jordan.marquiory@hotmail.com](mailto:jordan.marquiory@hotmail.com)

---

**Resumo:** Considerado o primeiro tabloide homossexual no Brasil, o Lampião da Esquina tornou-se meio de politização da comunidade homossexual, uma vez que cobrava com veemência uma postura política dos homossexuais mediante o comportamento de exclusão da sociedade heteronormativa. Em suas páginas, noticiava o descaso da sociedade com a comunidade homossexual, reivindicando direitos e mostrando às minorias seu papel dentro da sociedade. Em suma, objetivou-se, nesta pesquisa, um estudo sobre a influência do Lampião da Esquina no comportamento homossexual e na construção no Movimento Gay no Brasil, pois retirou a comunidade homossexual dos becos e guetos que uma sociedade reducionista havia colocado, redirecionando-a para as páginas do tabloide.

**Palavras-chave:** Lampião da Esquina, Mídia e Movimento Gay.

**Abstract:** Considered the first gay tabloid in Brazil Lampião da Esquina has become a mean of politicization of the gay community, since they used to set the political posture from homosexuals according to the heteronormative society exclusionary behavior. They used to report the indifference from the society to the gay community on its pages, claiming for the rights and showing to the minorities their role within society. All in all, it started on this research a study about the influence Lampião used to have on the homosexual behavior and on the Gay Movement arrangement. Since they removed the gay community from the alleys and ghettos where a reductionist society had placed them and redirected them to the pages of their tabloid.

**Keywords:** Lampião da Esquina. Media. Gay Movement.

---

## 1 Introdução

*“A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos.”*  
*Combates pela História* (1953), Lucien Febvre.

Após a Escola dos Annales, parte dos historiadores rompeu com a visão oficial dos fatos (essencialmente políticos e econômicos) em suas pesquisas, direcionando-as

para o campo cultural e social, uma vez que a História Oficial privilegiava os grandes homens e seus feitos (HUNT, 2001).

A contribuição da História Social foi proeminente, porquanto assume o papel de pesquisar e evidenciar atores históricos invisíveis - sem voz, negados em todo seu contexto histórico social.

Segundo Hunt (2001), o interesse pela História Social propala-se depois das décadas de 50 e 60 em especial, os assuntos relacionados às questões de gênero e etnia, todavia o movimento da Escola dos Annales possibilitou o uso de novas fontes históricas, oportunizando dar voz aos personagens que a História Positivista fez questão de silenciar.

Nesta pesquisa, entende-se o jornal como fonte de representações que interfere direta ou indiretamente na vida de seus leitores. Assim, para Luca e Martins (2008), os jornais agem tanto como sujeitos da História, quanto como objetos do conhecimento histórico.

O *Lampião da Esquina* surgiu da ideia de vários intelectuais e artistas homossexuais. Tinha como proposta discutir e viabilizar seus temas ao público gay que até então se via marginalizado e postergado socialmente. Em plena Ditadura Militar, mas no seu período de abertura política, o jornal funcionou como uma imprensa alternativa. Segundo Kucinski (2003, p. 34), “os jornais alternativos cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico”.

Neste estudo, compreendemos o valor dos jornais para a construção do conhecimento histórico, político e social da nação. Para isso, torna-se necessário fazer uma análise da produção de artigos, textos, anúncios e colunas do jornal com o objetivo de compreender como os artigos interferiam no comportamento social dos homossexuais.

Para chegar ao ponto alvo desta pesquisa, é necessário fazer uma breve reflexão sobre o uso dos jornais no estudo histórico e as articulações do movimento gay durante as décadas de 70 e 80.

## *2 O jornal como fonte histórica*

Com o advento da Escola dos Annales e a possibilidade de trabalhar com novos campos e objetos de análise, o historiador apropria-se de novas fontes que, por tabela, tornam possíveis novos olhares e análises sobre os discursos da construção do passado.

Entretanto, o Positivismo renegou o valor histórico dos periódicos, pois “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2005, p. 112). No entanto, a História Social valoriza os detalhes do cotidiano para a construção de uma História geral, agregando valor de fonte histórica aos tabloides, tirando mulheres, homossexuais, prostitutas e crianças da invisibilidade que uma tradição reducionista da História, entendida como estudo dos acontecimentos políticos e econômicos, os havia condenado.

Para Luca (2005), por ter como ofício a hábil tarefa de representar a sociedade em seus variados aspectos, os tabloides tornam-se fontes primordiais para o estudo de diversas temáticas que, por sua vez, tiveram visibilidade por meio das páginas dos jornais.

Luca (2005) evidencia, ainda, a relevância dos jornais para a construção do conhecimento em diversas abordagens históricas, como a visão do papel feminino dentro da sociedade, em razão que, sendo excluída socialmente, a mulher não participava dos grandes acontecimentos, por consequência não era evidenciada na historiografia positivista, visto que essa vertente histórica narrava os grandes homens e seus feitos. Portanto, a construção das diversas abordagens históricas concretizou-se também pela utilização da “enciclopédia cotidiana”, que são os jornais como fontes históricas, pois formam um conglomerado de acontecimentos diários que envolvem mulheres, crianças, políticos, escândalos e notícias.

Le Goff faz uma análise do uso das fontes históricas para o trabalho do historiador contemporâneo, segundo ele,

no limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 1994, p. 548).

Essa análise torna-se útil e verdadeiramente perspicaz quando as fontes históricas são jornais<sup>1</sup>, pois os interesses por trás do discurso são óbvios. “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2003, p. 10).

A relação entre desejo e poder evidenciada por Foucault (2003) não se ausentaria no periódico *Lampião da Esquina*, o primeiro tabloide publicado e dirigido para homossexuais, produzido no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, de circulação nacional, entre 1978-1981. Entretanto, mesmo sendo um jornal feito por homossexuais para homossexuais, o discurso nem sempre chegava como o redator desejava, visto que, para Bourdieu e Chartier (*apud* CHARTIER, 1996), as formas de apropriações não são universais, uma vez que os leitores apropriam-se das leituras de diferentes formas. Portanto, os enunciados nem sempre chegam até os leitores de acordo com os desejos e as vontades de seus produtores.

Em suma, as fontes impressas alargaram a possibilidade de análise da sociedade dentro de seu contexto histórico, mostrando não apenas a versão oficial, mas também os atos corriqueiros que formam o entrelaço social, além das transformações

---

<sup>1</sup> A expressão “documento/monumento” é utilizada por Jacques Le Goff no livro “História e Memória” onde ele esclarece que o principal dever do historiador é a crítica do documento independente de sua natureza (escrita, oral, sonora, etc.), documento este enquanto monumento, ou seja, perpetuador voluntário ou não de um passado. Isso é o que irá possibilitar que o historiador possa utilizá-lo na produção de sua representação do passado.

sociais e das múltiplas práticas culturais. Por esses motivos, os jornais tornam-se guardiões do passado e da história cotidiana, guardando as histórias das ruas, becos e cortiços.

### *3 O movimento gay e suas implicações sociais*

O movimento de defesa dos direitos da população homossexual surgiu na Europa durante o século XIX. Sua principal reivindicação era o reconhecimento e a garantia dos direitos sociais pelo Estado. Entretanto, segundo Rizzo (2006), é a partir da segunda metade do século XX que o movimento se organiza para cobrar do Estado o reconhecimento dos direitos e lutar contra a discriminação sexual.

No Brasil, o Movimento Gay é atrelado ao surgimento do primeiro grupo homossexual, denominado “Grupo Somos”, em São Paulo, e ao surgimento do Jornal Lampião da Esquina, pois era o primeiro tabloide editado por homossexuais para homossexuais (HOWES, 2003). Entretanto, a ascensão das queixas das minorias sociais e da contribuição dos estudos de gênero fizeram as questões voltadas à homossexualidade ganharem evidência nos aspectos sociais e políticos. Segundo Gonh (1999), as reivindicações das minorias sociais ganharam força, pois tinham características em comum, uma vez que eram grupos excluídos socialmente e lutavam contra a marginalização dos seus corpos, culturas e filosofias.

É durante a década de 80 que o Movimento Homossexual se espalha pelo Brasil, ganhando, por consequência, mais força. Consideramos, aqui, movimento como toda força social: grupos de estudos, partidos, associações, comunidades e instituições públicas e privadas que por algum motivo lutavam em favor da liberdade sexual, independente da orientação sexual (HOWES, 2003).

Torna-se essencial para entender a expansão da luta contra a repressão sexual o processo político pelo qual o Brasil passara. O país estava vivendo o processo de abertura política com inúmeras manifestações que clamavam pela democracia.

No Brasil, a longa transição democrática conheceu um leque variado de iniciativas populares e políticas que incluem tanto um novo sindicalismo operário, rompendo com o tradicional modelo do paternalismo estatal e da subordinação sindical, como também a emergência de movimentos mais relacionados a reivindicações do cotidiano além da formação do Partido dos Trabalhadores. (MORAES, 2003, p. 2)

Entretanto, surge no Brasil, em 1984, o primeiro caso de AIDS, denominado pela população como “Câncer gay”. Rapidamente, os ativistas se empenharam para conduzir tratamentos e difundir métodos de prevenção, a fim de cercear a expansão da doença. Enquanto muitos pensavam que seria o fim do Movimento Gay no Brasil pelo surto de AIDS, o que ocorreu foi o inverso, pois o Movimento ganhou força e os homossexuais se viram unidos em um único motivo: o reconhecimento dos seus direitos pelo Estado (HOWES, 2003).

#### 4 O Lampião da Esquina

Considerado o primeiro jornal nacional destinado ao público homossexual e vendo suas posições ideológicas para a conscientização da questão da homossexualidade, O Lampião da Esquina valeu-se do processo de abertura política para criar um sentimento de pertencimento e auto aceitação da comunidade gay.

O Jornal Lampião, editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja, os negros as feministas, os índios e o movimento ecológico [...] (FRY, 1993, p. 21)

O jornal surgiu a partir do encontro do editor Winston Leylan, da *Gay Sunshine Press*, uma revista gay estadunidense com os jovens artistas que logo se motivaram a criar o jornal que, por consequência, acabou por consolidar o movimento homossexual no Brasil, possibilitando a criação de uma identidade gay brasileira a partir da reprodução na imprensa escrita de expressões que a população homossexual costumava utilizar nos guetos.

Neste encontro surge a ideia de se formar um grupo para a criação de um jornal feito por e com o ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país. Em abril de 1978, aparecia então o número 0 do jornal Lampião (GOLIN; WEILER, 2002, p. 54).

Lampião da Esquina consolidou-se como um jornal alternativo surgido no período da ditadura militar. No mesmo período, surgiram inúmeras formas de expressões midiáticas, mas nenhuma ligada ao público gay ou outras minorias sociais (FRY, 1993). Segundo o periódico, “poderio nenhum conseguirá sufocar de forma definitiva os atuais movimentos das minorias discriminadas!” (LAMPIÃO, dezembro de 1979, p. 9). Segundo Rodrigues (2007), o corpo editorial do jornal era composto por 11 pessoas: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, Darcy Penteado, Jean Claude Bernardet, Peter Fry, Francisco Bittencourt, João Silvério Trevisan.

A partir das publicações do jornal, as questões relacionadas à população homossexual começam a ser analisadas com outro enfoque, trazendo para o centro das discussões sociais a presença e a necessidade de reconhecimento pelo Estado dos direitos da comunidade gay. “É assim que compreendemos a apresentação, no título do editorial número zero da proposta do jornal: Saindo do gueto. O Lampião surge com a proposta de criar uma consciência homossexual, assumir-se e ser aceito” (RODRIGUES, 2007, p. 69). Além de levantar as problemáticas relacionadas ao tratamento social dos homossexuais, o periódico se preocupava com outras minorias sociais. Talvez o sucesso do tabloide esteja ligado à possibilidade de dar voz às minorias que, durante anos, foram amordaçadas.

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios, dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e

objetos, aqueles que falam e aqueles de quem se fala, mas que também os sujeitos variam durante o processo. Estas lutas têm nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas mas não conhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autoconhecimento tentando afirma-se como sujeitos de sua própria história (LAMPPIÃO, 25/maio de 1978:2).

O tabloide é precursor de um movimento que, em pouco tempo, em união com outros setores, deu oportunidade para atores sociais que até então a sociedade e o próprio governo autoritário fez questão de silenciar, utilizando da censura à tortura. Os intelectuais, por trás do jornal, transmitiam a consciência de que a homossexualidade é uma identidade a ser encarada como uma alternativa legítima à heterossexualidade. Para isso, o pensamento de normalidade sexual era apresentado em diferentes formas como: charges, cartas de leitores e colunas.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz (LAMPPIÃO, abril de 1978:2).

Com isso, o jornal buscava mostrar aos seus leitores seu papel dentro da sociedade, que eles não estavam sozinhos, enfatizando a homossexualidade como um comportamento normal. Por vezes, o jornal travou sérias críticas ao sistema por ser excludente com a população gay e outras minorias, mas críticas severas também eram destinadas à população homossexual, pois precisava adquirir mais conhecimento e posicionar-se politicamente contra a maneira que o sistema os tratava, limitando seu comportamento, pois “se você não falar do seu problema, o seu problema não existe” (LAMPPIÃO, maio de 1978, p. 14).

Não havia a pretensão de o impresso servir à autopiedade de seus leitores, em nenhum momento eles julgavam os homossexuais mais ou menos do que os outros cidadãos; cada um tem a sua parcela de direitos e deveres dentro da sociedade, é como teoricamente diz na nossa Constituição: todos somos iguais perante a lei. “Informe-se, ache uma maneira de atuar no mundo em que vive, e deixe de ter pena de si mesmo.” (LAMPPIÃO, abril de 1978, p. 11)

E os editores verberavam contra a inércia da comunidade gay perante a exclusão.

Infelizmente a sociedade machista é dona do mundo. E esta situação não sofrerá mudança enquanto não partirmos para a ação. [...] Há um trabalho difícil, árduo a ser realizado por todos. Amigas passionárias, rompam com as correntes da miséria e da

opressão, rodem um pouquinho as suas baianas, que isto não tem matado bicha nenhuma, ao contrário tem nos ajudado a crescer. (LAMPPIÃO, dezembro de 1979, p. 2)

Essa postura dos editores ficara clara na edição número zero do tabloide: “Nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos” (LAMPPIÃO, abril de 1978, p. 2).

O periódico elucida, ainda, em suas páginas, o próprio preconceito de homossexuais contra homossexuais, pois, na sociedade machista, ainda se espera um comportamento mais másculo do homem, mesmo havendo divergência de identidade de gênero.

Lampião: Se pegam, por exemplo, dois soldados fodendo, o que é expulso primeiro é o passivo, o outro tem mais uma chance, e fica no exército. Existe essa diferença entre passivo e ativo.

Hocquenghem: Evidentemente. Isso é normal, porque existe uma divisão entre dois tipos de homossexuais, que são os supermachos e os submachos. Uma sociedade pode considerar um homem tão macho que ele só pode foder comendo. E é o macho no sentido estrito da palavra, tão viril que só pode comer homem viril. (LAMPPIÃO, junho de 1981, p. 6)

A crítica contra a hipócrita moral da sociedade continua quando os editores afirmam que a discriminação relaciona-se com o comportamento do homossexual, pois, guardadas as devidas proporções, o gay másculo é socialmente aceitável.

Um estereótipo do homossexual do Estado [...] A loca tradicional, simpática ou má, o amante de garotões, o especialista dos mictórios, todos esses tipos coloridos herdados do século XIX, apagam-se diante da modernidade tranquilizadora do (jovem) homossexual (de 25 a 40 anos), de bigodes e com sua pastinha de executivo debaixo do braço, sem complexos nem afetações, frio e bem educado, publicitário ou balconista de lojas elegantes, inimigos dos excessos, respeitoso em relação ao poder, amante da cultura e de um liberalismo esclarecido. (LAMPPIÃO, junho de 1981, p. 7)

Por ser formado por vários intelectuais com divergentes posicionamentos ideológicos, o jornal, ao longo da sua história, foi perdendo força, mas cumprindo seu papel social de dar voz aos excluídos.

Com um corpo editorial formado por onze personalidades com posições ideológicas tão dispares não é de estranhar que logo cedo as disputas por temas acabariam por enfraquecer o jornal. Isto pode ser percebido logo no início pela falta de editorial dirigido. (RODRIGUES, 2007, p. 93)

O Lampião da Esquina chegou ao fim em junho de 1981, na edição 37. O periódico foi fundamental para politização da questão da homossexualidade, como afirma Rodrigues.

A aparição do Lampião trouxe pela primeira vez a possibilidade de um espaço estruturado de discussão nacional sobre a homossexualidade. Toda a imprensa dirigida ao público gay anterior ao Lampião era produzida por e para grupos de amigos, e, de certa forma, ingênua e frágil. O Lampião é aceso para iluminar um espaço obscuro, para clarear questões sobre a sexualidade e principalmente sobre a homossexualidade. O Lampião da Esquina deu chance a uma parcela da sociedade expressar seus pensamentos e seu modo de ser, criou um espaço para a discussão que não existia na grande imprensa. (RODRIGUES, 2007, p. 59)

## 5 Conclusão

O Lampião da Esquina surge da ideia de mostrar aos homossexuais que são cidadãos e que, como qualquer outro, merecem e carecem de respeito e direitos. Em suas páginas, o Jornal evidenciava uma postura crítica às mazelas às quais os homossexuais estavam direcionados, às violências físicas que estavam expostos e davam direito de voz a quem a sociedade não queria escutar.

Contudo, mais do que uma imprensa alternativa, o Lampião da Esquina tornou-se válvula de escape do sofrimento de várias minorias, lutando, criticando e clamando em suas páginas respeito e direito aos homossexuais, negros e mulheres. A partir de suas páginas, podemos, hoje, reconstruir a história do movimento gay brasileiro, da luta pelos direitos dos homossexuais e das mulheres. Portanto, mais do que um jornal, o Lampião tornou-se símbolo de luta, iluminando os becos e guetos que os homossexuais estavam direcionados.

## Referências

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R. (Org.) *et al. Práticas de leituras*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

FRY, P. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

GOHN, M. G. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 1999.

GOLIN, C.; WEILER, L. (orgs.). *Homossexualidade, cultura e política*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

HOWES, R. João Antonio Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. In: *Cadernos AEL: Homossexualidade, sociedade, movimentos e lutas: Campinas*, Unicamp/IFCH/AEL, V. 10, n. 18/19, p. 291-309, 2003.

HUNT, L. *A nova história cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo. EdUSP, 2003.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAES, M. L. Q. M. *Feminismo, movimento de mulheres e a (re)constituição da democracia em três países da América Latina*. Primeira Versão, Campinas, Unicamp/IFCH, 121, 2003.

RIZZO, D. Esfera pública y políticas gays desde la segunda guerra mundial. In: *Gays y Lesbianas Vida y Cultura: un legado universal*. Ed. Nerea, 2006.

RODRIGUES, J. L. P. *Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos gerais, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, Fevereiro de 2007.